

Guerra em casa

A CHACINA DE JACAREZINHO TRAZ À LEMBRANÇA A FEROCIDADE NAZISTA

por MINO CARTA

E me vem à mente o tempo de guerra, re-firo-me à Segunda Mundial, que eu vi dos 5 aos 11 anos. Foi um aprendizado inquietante e formador. Jamais me passou pela cabeça pô-lo em questão. Da janela de uma casa da aldeia parte um tiro certo. Está trafegando pela rua um caminhão do exército nazista e um soldado invasor é atingido na cabeça. A vingança alemã não se faz esperar. Horas depois, soldados saem em busca de reféns e para um alemão fulminado 20 cidadãos locais devem morrer. Lembro que houve uma voz a ressoar à porta da casa: “Marido casa?”

Meu pai, egresso de uma fuga da prisão, onde fora trancafiado por janízaros fascistas e escondido naquela aldeia, San Damiano d’Asti, estava realmente em casa e dormia o sono dos justos. Com uma rapidez cinematográfica, minha mãe mandou que deitasse quieto,

sem antes ter-lhe enfaixado com, creio eu, quilômetros de gaze, a perna direita, entre o joelho e o calcanhar. O soldado alemão, armado de cano em riste, entrou no quarto e mandou que meu pai saísse da cama para ser detido imediatamente. Como jornalista, ele tinha um documento bilíngue, em alemão e italiano, que o habilitava a circular a qualquer hora do dia e da noite, pela cidade da qual vínhamos, Gênova.

Minha mãe encenou uma imitação da Virgem Maria aos pés da cruz, ao esclarecer ao militar a doença de que padecia o marido. Tratava-se de gota,

sem deixar de exhibir o documento bilíngue. O visitante mostrou perplexidade e, ao ser-lhe servida uma chávena de chá, sentou-se na cama aos pés do grave enfermo. Logo estaria em lágrimas ao lembrar que sua família morava em Colônia, cidade arrasada na noite anterior por um bombardeio estadunidense. Foi um momento tocante, e por pouco não o acompanhamos no choro. Meu pai safou-se do risco, mas 20 cidadãos sem gota e documentos bilíngues foram fuzilados em praça pública.

É certo que os nazistas, encabeçados pelas SS, soturnas no seu uniforme preto, foram capazes de revides monstruosos a qualquer ato de resistência dos italianos. Célebre o massacre perpetrado em um lugar de Roma, as Fossas Ardeatinas, quando 400 cidadãos foram fuzilados e jogados na vala cavada precedentemente. Como os nazistas não houve ferocidade igual, mas este enredo recorda inextingivelmente a vingança alemã depois que um pelotão inteiro fora explodido pelos

**A SAÍDA ESTARIA
NA CONVOCAÇÃO
IMEDIATA DE
ELEIÇÕES GERAIS.
ESTARIA...**



Mulheres à frente,
povo protesta

guerrilheiros *partigiani*, enquanto marchava por uma rua romana.

Era tempo de guerra, mas talvez também nós estejamos vivendo uma situação bélica dentro do País. A chacina de Jacarezinho, no Rio de Janeiro, é uma ação de estilo nazista. Durante uma operação conduzida pela Polícia Civil contra o Comando Vermelho, um agente foi morto. A desforra exigiu o sacrifício de 27 cidadãos, dos quais muitos sequer eram envolvidos no episódio anterior. Falamos nas SS, no exército de Hitler, e não de uma polícia cuja prioridade não é matar, e sim prender. Não há como abrandar o horror provocado pelo massacre de Jacarezinho e tudo o que se seguiu, desde a aprovação do maior herói brasileiro do momento, o cascateiro manhoso Neymar, até programas de televisão a mostrarem a covardia de algumas categorias nacionais, tão bem representadas por uma malta vulgar que se autodefine como classe média. E de médio nada tem em um país onde o

desequilíbrio social é o pior do mundo, o mais profundo e clamoroso.

A Polícia Civil do Rio de Janeiro alega responsabilidade do STF, o qual não autorizou a operação contra o Comando Vermelho e, portanto, levou à desforra indispensável. Está claro que o Supremo tem largas culpas em cartório, em relação a tudo quanto se deu no Brasil a partir da Lava Jato. Espanta que o guardião da Constituição tenha dado seu apoio ao golpe perpetrado contra o Brasil, contra o ex-presidente Lula e contra todas as agremiações políticas que professam ideais de esquerda.

Espanta ainda mais que no Brasil atual se considerem tais eventos como se fossem diligentemente alinhados dentro de um calendário de efemérides indispensáveis. Estamos em um estranho, singular recanto do mundo a dispor de rotação própria e o tempo de uma substancial

porção desligada do resto do planeta, como se tudo fizesse parte de um calendário previamente assentado.

Não fosse este o nosso Brasil, zil, zil, viveríamos uma situação passível de conserto somente pela convocação de eleições gerais imediatas, de sorte a repor o País no caminho certo. Não seria preciso, aliás, criar uma Assembleia Constituinte: a Carta que o doutor Ulysses nos entregou em 1988 é suficientemente democrática e digna da contemporaneidade do mundo. O que se torna indispensável é liquidar os efeitos do golpe até a eleição de Jair Bolsonaro. Aceito o golpe, relevados os seus responsáveis, ganhamos mais um capítulo da hipocrisia tipicamente brasileira, este descaso desvairado, destinado a permitir o oportuno distanciamento da realidade.

Desde o suicídio de Getúlio Vargas, cuidamos de manter o povo no Limbo, renovada a mentira como se a normalidade imperasse. Enquanto isso, o absurdo e o *nonsense* bailam nas nossas consciências. •